Therlandeson Gley Alves

Elis, eu é que tenho de agradecer por tantas coisas boas. fiquei meio preocupado com o tempo e nem sei se consegui concatenar bem o que tinha a dizer. lamentei também não poder responder as perguntas dos alunos lá mesmo. estava ansioso por isso. mas tentarei

qua 16/01

**Entrevista coletiva sobre os contos de Theo**

Perguntas elaboradas pelos alunos de ADM e Info. Câmpus Nova Cruz

1. **Por que alguns contos são tão extensos e outros bem curtos**

Na verdade, não busco na extensão dos textos um padrão. Alguns são mais curtos que outros porque o ritmo da narrativa pede isso, a tensão e a intensidade da estória obriga a usar mais ou menos papel. Tenho vivido tempos de escrita mais curta, cada vez mais. Às vezes acho que chegarei, um dia, a escrever um silêncio. Por isso, a extensão pode ser também marca de uma fase diferente. O conto O Farol, por exemplo, é bem mais antigo que os outros lidos por vocês. Mas não é uma busca proposital, disso tenho certeza.

**2- Por que os contos fazem referência ao mar?**

O mar é uma alegoria muito frequente nas estórias de muita gente. Eu sou sertanejo, seridoense, crescido em Currais Novos, no entanto, nasci em Natal, cidade que hoje eu sei ignorar bem. No entanto, tenho fascínio pelo mar, pela imensidão, pelo exagero de beleza e força. O mar é uma oposição natural ao mesmo gosto pelas coisas pequenas, pelas pessoas pequenas. Nem todos os meus contos envolvem mar, ainda que os três lidos por vocês apresentem essa - talvez - coincidência. No caso de Peixe Podre, o personagem era mesmo uma figura marítima e para ele o mar - única entidade que o aceitava - recebe-o de volta como se fosse uma mãe a acolher o filho no ventre, mostrando a morte como um processo inverso ao nascimento. Já em O Farol, o mar é simbologia do mistério, o lugar de onde se espera o inesperado. Em Cido Marinheiro, o mar é uma ironia: é uma oposição de grandeza proporcionalmente direta ao espírito/corpo raquítico do personagem que é sertão puro. Talvez essa oposição faça do diminuto Cido Marinheiro um sujeito maior. Coisas que o nome diz.

3**- Qual a relação dos seus contos com a sociedade atual?**

Sou um sujeito de uma sociedade atual: como cada um de nós - e de meus personagens - sou parte, vítima e algoz dessa sociedade. Meus personagens favoritos são o que costumo chamar de "rejeito humano", que são essas figuras marginalizadas por nós, esses para quem viramos a cara e fechamos as portas. Eu gosto de apanhar pessoas no lixo para dar a elas o verniz da literatura. Acho que elas merecem isso, esse olhar que não as romantiza, mas que busca compreendê-las. E o melhor é que podemos colher nelas os problemas universais que enfrentamos: a dificuldade de ser aceito, a obstinação como forma de cegueira, o conflito entre pais e filhos, tabus e tantas outras coisas. Eu acho que a sociedade, como tudo na vida, precisa estar em mutação contínua. Acho que essa deve ser nossa rotina: a mudança. E meu jeito de propor isso é através da minha literatura, que é o que posso fazer miudamente. Se meus leitores encontrarem alguma empatia, se sentirem alguma transformação, se forem tocados de alguma maneira, meu papel terá sido cumprido na tentativa de transformar nossa sociedade em algo menos ruim.

**4- O conto o farol foi "roubado" de alguém?**

Sinceramente, se foi roubado eu não sei, mas se o foi, aconteceu por ignorância ou coincidência. Quase tudo o que havia para ser contado, já foi. Vivemos numa roda de estórias que se repetem e nossa tarefa é contá-las de forma diferente. Há quase 10 anos que escrevi O Farol, mas não me recordo de tê-lo escrito à sombra de outro texto. Mas se o roubei, espero tê-lo feito de maneira a honrar o primeiro dono da estória e que ela continue sendo minha através do olhar que julguei único em direção a ela, pois há ali um bocado de experiências pessoais, de coisas minhas: de alguma maneira sou aquele Mario esperando seu navio.

**Cido Marinheiro**

5- O que o senhor quer dizer com a frase: " o que dizem ter as mãos de Deus para as facas e o coração de Diabo para os homens. "

Essa frase revela o que somos: um tanto de Deus, outro de Diabo. Isso, claro, fora dos conceitos religiosos dessas duas entidades. É da existência de bem e mal que se fala aqui, numa ideia de que a habilidade de Cido está próxima do que se atribui a Deus pelos aspectos positivos. Já o coração de Diabo é a disposição para executar sem piedade o que for preciso, sem remorsos.

**Peixe Podre**

6- O que o senhor quer dizer com esse trecho: " refeito o menino de antes de nascer, no ventre de sua mãe verdadeira, no ventre marinho de sua mãe verdadeira. "

Peixe Podre termina com sua morte, que funciona como um renascimento, como se o personagem voltasse ao ventre materno: uma representação poética do mar. Sendo o mar quem o recebe como a um filho, o faz como um movimento diretamente oposto ao de nascer: o mar/mãe recebe de volta o filho no ventre, em lugar de expurgá-lo do ventre como sua mãe havia feito.

**O farol**

7- Qual o objetivo em repetir o estado emocional no fim de quase todos os parágrafos?

A ideia é apresentar ao leitor, permitir que ele sinta, esse estado de espírito de Mario. Por isso mesmo o nome dele aparece tantas vezes repetido: como se fosse uma maneira de particularizá-lo, mas ao mesmo tempo não permitir que o leitor o esqueça. O nome de Mario se repete (e é propositalmente Mario sem acento mesmo) para que o leitor não se permita perdê-lo de vista, assim como os sentimentos do menino são repetidos para que não deixemos de senti-los também. É o grito desesperado do personagem - aqui transmitido pelo narrador - por socorro: mas Mario não quer ser salvo, apenas não quer ser esquecido.

Estou adorando as perguntas, Elis.

Beijos pra ti, abraços pros meninos!

**Therlandeson G. Alves**

IFRN - Câmpus Santa Cruz